

# As rochas em Marte têm direitos?

 [institutoliberal.org.br/blog/politica/as-rochas-em-marte-tem-direitos/](http://institutoliberal.org.br/blog/politica/as-rochas-em-marte-tem-direitos/)



O surgimento de empresas espaciais privadas, como a SpaceX de Elon Musk, trouxe uma nova dinâmica para a indústria espacial. Graças a Musk, os custos de lançamento, que permaneceram estáticos por cerca de quarenta anos durante a era das viagens espaciais dominadas pelo Estado, caíram 80%. A espaçonave inovadora de Musk está tornando possíveis coisas que, até recentemente, muitos consideravam impossíveis. No entanto, as críticas também estão crescendo.

Musk argumenta que a humanidade tem, essencialmente, o dever de colonizar outros planetas, pois, mais cedo ou mais tarde, o impacto de um asteroide poderia levar à extinção da nossa espécie. Seu objetivo é colonizar Marte, com a possível meta de transformá-lo em uma segunda Terra por meio do processo de “terraformação.”

Os opositores das viagens espaciais privadas veem isso como uma grande ameaça e defendem proibições rígidas e uma ampla regulamentação governamental. Como sempre, a batalha começa nas universidades. Em seu livro *Astrotopia: The Dangerous Religion of the Corporate Space Race*, a estudiosa americana de religião Mary-Jane Rubenstein critica esses planos, argumentando que Marte pertence aos micróbios – se

é que existem micróbios lá. Como isso ainda não é certo, ela defende os direitos das rochas em Marte e critica um “antimineralismo ocidental,” ou seja, “uma tendência de valorizar as rochas que foram removidas, instaladas, esculpidas, empilhadas e moldadas pelas mãos humanas (e pelas forças de mercado) em detrimento daquelas que permanecem onde e como os processos geológicos (e ancestrais) as formaram.”

Rubenstein e outros argumentam que devemos ao menos considerar se as rochas não têm direitos próprios, apontando para o primeiro pouso na Lua em 1969, quando os astronautas tiveram dificuldade em fincar a bandeira americana no solo (eles bateram em rocha dura sob a poeira) e interpretando isso como a Lua tentando se defender: “Na verdade, a Lua pode até ter desejos. Considerando os problemas respiratórios que causou aos nossos astronautas e as dificuldades funcionais que causou às suas máquinas, a Lua pode estar expressando um desejo geológico de que os seres humanos permaneçam em seu próprio planeta.”

Um debate em uma conferência em Reno, Nevada, que mais tarde foi publicado sob o título “O Grande Debate sobre a Colonização”, incluiu a seguinte declaração da neurocientista Lori Marino, que rejeitou a ideia de os seres humanos levarem outros animais para Marte, pois esses seres não poderiam ser consultados ou dar seu consentimento para tal jornada: “... se os humanos forem, não deveriam levar outros animais com eles, porque as outras espécies não concordaram com isso!”

Provavelmente, seria melhor descartar tais pensamentos como tolices, porque é exatamente isso que eles são. De qualquer forma, eles me lembram George Orwell, que certa vez disse: “É preciso pertencer à intelectualidade para acreditar em coisas assim: nenhuma pessoa comum poderia ser tão tola.”

Infelizmente, porém, as instituições estabelecidas reagem de forma diferente. Elas tendem a tentar “integrar” esses críticos. As ideias absurdas de ideólogos já chegaram até mesmo a documentos oficiais de instituições que assessoram a NASA. Um artigo publicado por membros do Escritório de Proteção Planetária da NASA e outros (“Absolute Prioritization of Planetary Protection, Safety, and Avoiding Imperialism in All Future Science Missions: A Policy Perspective” – em português, “Prioridade Absoluta

para a Proteção Planetária, Segurança e Evitar o Imperialismo em Todas as Futuras Missões Científicas: Uma Perspectiva Política”) defende uma regulamentação massiva das viagens espaciais privadas, que, segundo os autores, devem ser submetidas ao primado do “anti-imperialismo.” Os defensores desse movimento anti-exploração espacial continuam confiantes em sua capacidade de impedir as iniciativas propostas. Eles se referem a uma emergente “onda espacial anticolonial.” Um artigo publicado pelo Grupo de Trabalho de Equidade, Diversidade e Inclusão do Planetary Science and Astrobiology Decadal Survey, que faz recomendações à NASA e a outras agências governamentais dos Estados Unidos, parece um manifesto anticapitalista e anticolonialista: “É fundamental que a ética e as práticas anticoloniais sejam uma consideração central na proteção planetária. Devemos trabalhar ativamente para impedir a extração capitalista em outros mundos”.

O argumento central do artigo é que o capitalismo, impulsionado por sua busca incessante por lucro, destruiu a Terra e agora quer estender essa destruição a outros planetas. Absurdamente, a – falsa – alegação das potências coloniais do passado de que conquistaram terras desabitadas é agora equiparada ao argumento dos defensores da colonização de Marte de que não há humanos no Planeta Vermelho.

Ao longo da história, empreendedores e engenheiros muitas vezes não conseguiram combater de forma eficaz a influência de ideologias irracionais e destrutivas porque estavam inabalavelmente focados em suas atividades construtivas e produtivas. Muitas vezes, fizeram concessões aos ideólogos na tentativa de apaziguá-los. Na realidade, isso apenas encorajou os defensores da irracionalidade. Nenhuma ideia é tão absurda que não possa ganhar força e, mais cedo ou mais tarde, tornar-se a política dominante.

**Este artigo é baseado em um artigo em “Economic Affairs”:**

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/ecaf.12672>